

REFLEXIVIDADE EM NARRATIVAS DE UMA JOVEM EM SEUS PERCURSOS PELAS RUAS DA CIDADE

REFLEXIVITY IN A YOUNG WOMAN'S NARRATIVES IN HER TRAJECTORIES THROUGH THE STREETS OF THE CITY

Suzi B. de Oliveira¹, Silviane B. Barbato²

RECEBIDO EM: 14/02/2021 | ACEITO EM: 16/06/21

DOI: 10.5902/2317175864250

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar a reflexividade na produção de significados em narrativas de uma jovem sobre seus usos da rua. Ela participou de entrevistas narrativas, episódicas e mediadas por música, submetidas à análise dialógico-temática. Os resultados indicaram que vivências em eventos de ruptura autobiográfica, envolvem dinâmicas de reflexividade, que podem gerar mudanças de percepção nas interpretações de si, como habilidade de orientar e regular o “eu” da experiência, oportunizando autoria de pensamento e emancipação. A reflexividade constituiu-se em interpretações ético-estéticas, orientando o reconhecimento de motivos que limitam, ou promovem, a busca de caminhos de apoio ou não protetivos e nas tomadas de decisão relacionadas ao seu bem-estar, com fortalecimento ou enfraquecimento das dinâmicas que geram atuações resilientes e críticas.

Palavras-chave: Juventude; Resiliência; Pobreza; Reflexividade; Agencialidade.

1 Doutora em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar pela Universidade de Brasília (UnB) com Área de concentração em Desenvolvimento Humano e Cultura. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Especialista em Psicoterapia pelo Instituto de Psiquiatria (IPUB) da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Graduada em Psicologia pela Universidade Santa Ursula (USU). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7063184081582445>

2 Professora Associada do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília (UnB), Brasil. Doutorado em Psicologia (UnB). Mestrado em Applied Linguistics (Linguística Aplicada), Durham University, Durham, Inglaterra. Graduação em Licenciatura e Língua e Literatura Portuguesa, Universidade de Brasília, (UnB). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8809856521908528>

ABSTRACT

This article aims to analyze a young woman's reflexivity in the production of meaning in narratives about her uses of the streets. She took part in open narrative, episodic and music-mediated interviews, submitted to dialogical-thematic analysis. Results indicated that experiences in events of autobiographical rupture involve dynamics of reflexivity. And that they may generate changes in the perception of self-interpretations, in the ability to orient and regulate herself in experiences, her authorship of thought and emancipation. Ethical-aesthetic interpretations constituted reflexivity that oriented the recognition of reasons that constrained or promoted the search for support or non-protective paths and in decision-making related to her well-being, with strengthening or weakening of the dynamics that generate resilient and critical actuations.

Keywords: Youth; Resilience; Poverty; Reflexivity; Agency

1 Introdução

Narrativas produzem reflexividade e são uma das principais práticas organizadoras da experiência, sendo, inclusive, fonte de estudo do desenvolvimento humano (CLÍMACO, 2020). As pessoas contam histórias ao outro e a si mesmas, produzindo explicações de si, do outro e do mundo, de suas crises e transições em historicidades (SEGATO, 2012). Atos de narrar, mudam as histórias e consciências dos interlocutores, constituindo atividades dialógicas produzidas em tessituras, orientadas pelo impacto emoção<>ideologias, em posicionamentos que iluminam feixes de significados, no jogo entre endereçamento e responsividade (VOLOSHÍNOV, 2006).

A ênfase no dialogismo das narrativas, requer considerar que qualquer voz se concretiza em diálogo marcado por outras vozes, em tensões entre forças centrípetas (de permanência) e centrífugas (de mudança), nas negociações entre polifonias e heteroglossias (BAKHTIN, 1994). Possibilitando, assim, aberturas para novas interpretações, indicando as relações entre percepções de mudanças e transformações em diferentes cronotopos (espaços presentes<>passados<>expectativas de futuro), e, monologias, quando há enunciados de permanências com conclusões, (re)afirmações de (não)identidades, e fechamentos de interpretações em determinadas crenças e valores.

As histórias envolvem atividades cotidianas, nos encontros e desencontros entre os jovens nas ruas da cidade. A rua como objetivação da fronteira concreto-simbólica, no *in between* (BUBER, 2012), manifesta sua condição ambivalente entre processos de continuidade e descontinuidades, em jogos de poder, que organiza o que é possível saber, fazer ou dizer e o que não é permitido e orienta diferentes formas de ser, pensar e agir (MARSICO, 2016). Na rua, muitas vezes, criam-se redes de apoio-poder de acolher e ser acolhido, diferenciado do espaço privado da casa, ou outra instituição de acompanhamento à criança e ao adolescente.

A fronteira entre público e privado, em presença-ausência de interlocutores, em negociações multiplanos, apresenta-se como lócus de emergência da subjetividade. Histórias de carências, discriminações e falta de oportunidades orientadas, a menos valia, contornam também a paisagem no interior dos domicílios, considerando-se que pais e/ou outros responsáveis, muitas vezes, estão imersos em trajetórias de exclusão, criminalidade, drogas, ou ainda, ocupados em demasia com questões de sobrevivência. Contextualizações do fenômeno “jovens na rua” são necessárias para não ceder à tentação de leituras reducionistas, permitindo olhar para além das ausências, as potencialidades.

O movimento de jovens, em contextos de pobreza, situa a rua como espaço de produção de si e o enfrentamento às exigências cotidianas, podem gerar autoria de pensamento e atuações emancipatórias, como função da diversidade arquitetônica dos encontros em contextualizações (AUER, 1996). Em tempos de acirramento da desigualdade social e atualização dos mecanismos da exclusão social, as relações e os diferentes modos de subjetivação revelam a heterogeneidade dos espaços públicos. A radicalização do discurso autoritário na manutenção de fronteiras raciais, étnicas, de gênero e idade, localiza, muitas vezes, os jovens da periferia em práticas discursivas de descrédito. Sistemas de distinções podem gerar práticas de exclusão-inclusão perversa, que ameaçam uma existência digna e impactam nas condições de vida da juventude em contextos de pobreza. A coexistência de vivências de vulnerabilidade-risco e protetoras, em contextos de pobreza, canaliza ora relações de poder desiguais, ora desenvolvimento de resiliência crítica como possibilidade de produção de estabilidade e senso de si, em processos de mudança, e emergência de práticas culturais genuinamente novas.

Na adolescência, há mudanças nas formas de contar-se, passando as narrativas a serem denominadas “histórias de vida”, enquanto há expansão da reflexividade (ZITOUN; CERCHIA, 2013). A emergência do pensamento em conceitos como atividade principal na adolescência (SOUZA; SILVA, 2018), qualifica o *self* em desenvolvimento hierarquizado de generalização e imaginação, organizando pensamentos, emoções e valores, orientados a elaboração de mundos possíveis em potência de transformações. A adolescência configura-se como um evento crítico e, portanto, um momento de vivência de rupturas, transição, em que a reflexividade implica em um salto qualitativo que envolve produção de propósitos e senso dinâmico de continuidade temporal na produção de significações orientadas ao futuro.

No diálogo “eu” – “mim”, em expansão ao longo do curso da vida, o eu-conhecedor pode interpretar reflexivamente o “mim”, com seus atributos e adereços, em jogos de posicionamentos (HARRÉ, 2012), gerado e orientado a habilidades semióticas que fornecem sentido e identidade ao sujeito. O adolescente vivencia um processo de (re)posicionamento de identidade, (re)alocação cultural e produção de novos significados, que pode ser acompanhada por dilemas, como a redução da autoestima, aumento da ansiedade e poten-

cialização da percepção de abandono, ou ainda gerar respostas as demandas psicossociais, com base em suas experiências e significados coproduzidos (GOMES; DAZZANI; MARSICO, 2017).

Experiências fornecem um chão semiótico de recursos para lidar com adversidades e, em territórios marcados por violações de direitos, podem emergir habilidades resilientes para estabelecer convivência diária. Conhecer *o que* e *como* os adolescentes gerenciam e refletem sobre condições de vida, pode fornecer dados para intervenções orientadas à promoção do desenvolvimento psicossocial. As situações de vulnerabilidades e risco pessoal e social, que acompanham as trajetórias de vida de jovens pobres e as possibilidades de enfrentamento, com o desenvolvimento da resiliência crítica, estão em interdependência de recursos socioculturais, disponibilizados ao processo de autoformação, enquanto sujeito atuante em seus grupos de pertença ou não.

Os jovens, devido a novas demandas psicossociais, são chamados a responder e farão isso, mais ou menos ativamente, em atitude de engajamento e retirada da cena causadora de dano (GOMES; DAZZANI; MARSICO, 2017), em função dos recursos culturais e como forma de proteção. A capacidade de refletir é, de fato, a característica determinante da agência e, neste sentido, propomos que os sujeitos adolescentes possam ser vistos como agentes envolvidos em processos reflexivos. Dinâmicas de reflexividade entre posições ator-observador, desfaz a dicotomia passividade-atividade e oportunizam novas sínteses em diferentes modos de expressão.

O objetivo deste artigo é analisar a reflexividade na produção de significados em narrativas de uma jovem sobre seus usos da rua, mediados por fatores de risco-vulnerabilidade e protetores pessoal-social, em contextos de pobreza. Destaca-se a emergência e transformação de significados, em processos de exclusão social, em desenvolvimento de resiliência crítica orientado à ação transformações em singularizações, avançando na compreensão da agencialidade humana.

2 referencial teórico

Os sujeitos, em relação, produtos e produtores de cultura, em processos de reflexividade, desenvolvem novas perspectivas sobre a realidade, ao mesmo tempo, transformam essas perspectivas, em ações. A reflexividade gera novos conhecimentos potenciais de si, do outro e da situação e orienta imaginar e agir de acordo com essas possibilidades (DE SAINT-LAURENT; GLÉVEANU, 2016). O conceito de reflexividade institui o debate no campo da experiência humana, como lugar de produção de comportamento e campo de pesquisa da psicologia. Na interface da experiência como produto cultural e lócus da psique humana, a reflexividade constitui-se como ferramenta teórico-metodológica e, portanto, uma questão ética em que o sujeito ativo produz conhecimento, especificamente, sobre (o) si-mesmo (ROSA, 2015), mediados pelo narrar-se.

Estudos como o de Enosh e Ben-Ari1 (2015), criticam a tradição de investimento em pesquisas sobre processos de reflexividade, com ênfase em categorias pré-estabelecidas pelo pesquisador e com pouca atenção à reflexividade produzida pelos participantes. A torção, realizada neste estudo, coloca a ênfase na narratologia dialógica (BROCKMEIER; HARRÉ, 2003) do encontro, como acontecimento e produção de realidades e sujeitos, mantendo, no entanto, o foco no participante-colaborador da pesquisa, a fim de avançar na descrição, em pesquisa qualitativa, direcionadas a estudos sobre o adolescente, em territórios tensionado por relações de pobreza e precarização em lutas de sobrevivência afetiva, política e econômica.

O humano reflexiona sobre suas experiências, transformando suas formas de sentir, relacionar e atuar, ao longo do seu desenvolvimento. A reflexividade orienta e é orientada pela circularidade e interdependência entre a experiência vivida e produção de significados e o enfrentamento às situações cotidianas, em contextos de pobreza, pode indicar a maneira pela qual os processos transformadores orientam a expansão do *self* em singularizações. O diálogo eu-outro gera e é gerado em reflexividade, entre processos de integração e diferenciação, fundados no que é partilhado e negociado, em dinâmicas ambivalentes, na tessitura da contextualização dos encontros, orientando tomadas de decisão (GILLESPIE, 2007; GLAVEANU, 2018).

Reflexividade é a experiência incorporada da consciência, do diálogo, do cultivo moral e hermenêutico orientados a transformações qualitativas circunscritas aos contextos sócio-políticos e linguísticos em condições históricas (ROSA, 2015). Como propriedade emergente, em coprodução, permite aos sujeitos consciência de si e de suas condições sociais, mediando as relações entre reproduções e transformações, oportunizando a desconstrução de grandes narrativas como discurso totalitário entre processos de globalização e glocalização (CANCLINI, 2013). Os adolescentes como coparticipante de interpretações de si, do outro e mundo, expandem o sentimento de confiança e agência, contrariando a persistência de arranjos hierárquicos de poder, alicerçados em noções adultocêntricas e de normatizações (MACLURE, 2017). A delegação de autoridade-reconhecimento à juventude, possibilita consciência crítica que podem impactar em mobilização pessoal-social e ação comunitária.

O diálogo fundado em encontros com alteridades, oportuniza novas formas de socialização e mudança. O *self*, é reflexivo e criativo em trabalho de síntese (ROSA, 2015), entre continuidades e discontinuidades, com possibilidades de interpretações múltiplas e singulares, frequentemente contraditórias, dado que o sujeito se movimenta e é produzido na intertextualidade de contextos sociais e perspectivas multiplanos (VOLOSHÍNOV, 2006). A disjunção estrutural eu-outro, temporal e material-simbólico (GLAVEANU, 2018), inscrito no signo-ideológico, oportuniza experiências plurais, questionamentos de identidade e inacabamento em diferentes modos de subjetivação.

O sujeito habita, simultaneamente, a situação imediata-encarnada e a ordem simbólica que transcende a situação aqui-e-agora, e os signos em cadeias discursivas, estabelecem zonas de contato espaço-temporais que, assimétrico, institui o sujeito histórico, a palavra-ação em desenvolvimento. Reflexividade oportuniza a autoavaliação e produções históricas e culturais de si, (MOTTA; RA-FALSKI; RANGEL; SOUZA, 2013) que afetam a forma como o sujeito se percebe, mover-se entre perspectivas, cultiva a alternância discursiva como princípio de desenvolvimento reflexivo orientado à organização, autorregulação, planejamento e ação criativa (DE SAINT-LAURENT; GLAVEANU, 2016; HARRÉ, 2012).

Reflexividade é constitutiva do processo de produção de significado, organizados em múltiplos planos de atividade em dinâmicas recursivas (DE CASTRO, 2017). Nomear, é um ato de reflexividade que implica em distanciamento da experiência relacional inicial, vivida em um *loop* exploratório, com enriquecimento da experiência inicial (ZITTOUN, 2016). Voltar-se para si como objeto do discurso e atuar em um fluxo de significações, entre perspectivas (DE SAINT-LAURENT; GLAVEANU, 2016), permite ao sujeito, (re)descrever e interpretar a cultura pessoal e social. O acúmulo de experiências, gera conhecimentos, experimentar a diferença, é condição para orientar tomadas de decisão em eventos críticos (GLAVEANU, 2018), tornando possível, fazer um balanço do que foi feito e refletir sobre as etapas futuras, de modo a imprimir especificidades aos acontecimentos.

O estudo dos princípios e processos de reflexividade (MARSICO; RUGIERI; SALVATORE, 2015) estão comprometidos com as forças que oportunizam transformações, entre imaginação (ZITTOUN; DE SAINT-LAURENT, 2015) e criatividade (GLAVEANU, 2015), descolando-o do imediatismo em aquisição de habilidades para interpretar e intervir no mundo. A criatividade pressupõe relações de aprender e transformar-se a partir do(s) outro(s). A imaginação gera criatividade e assim, expande a experiência humana, desencadeada por rupturas e quebras de significação, em encontros com o outro. A imaginação potencializa o movimento de *loop* presente-passado-futuro, como um salto qualitativo de preenchimento da lacuna, '*the gap*' (ZITTOUN, 2008), na produção de uma imagem de acabamento necessária a permanente percepção incompleta do mundo.

3 Método

Trata-se de estudo de caso qualitativo com uso de multimétodos. O estudo foi aprovado pelo conselho de ética (CAAE: 89942318.9.0000.5540) e contou originalmente, com a participação de 3 jovens que moravam em bairro de periferia, expostos a situação de vulnerabilidade e risco pessoal e social, que não participassem de atividade contínua da rede de proteção social governamental, de cidade de médio porte, de um estado no sudeste, com vínculos frágeis na escola e na família e que faziam do espaço da rua sua maior

atividade no dia-a-dia. Tendo em vista o objetivo deste artigo, vamos focar o estudo de caso de Bela (nome fictício).

Bela mora no bairro desde que nasceu. Foi criada junto com os irmãos, pelo pai, em um terreno onde moram também, os tios. Todos usuários de drogas. Em função dos maus tratos e uso de drogas, vivia nas ruas. Encaminhada, pelo Conselho Tutelar, para o abrigo aos 10 anos, permaneceu até os 16 anos. As fugas e retornos eram constantes até que, o Conselho, a ONG e Esperança, passam a compor a vida de Bela como referência de proteção. Esperança é a família coproduzida e Bela frequenta a ONG uma vez por semana, o EJA no sexto ano do ensino fundamental.

A jovem de 18 anos, participou de entrevista narrativa, entrevista de história de vida, entrevista mediada por música, e para fins de contextualização, realizamos observações e atividade de roda de conversa, primando por uma postura responsiva, totalizando 36 horas de convivência. A transcrição foi submetida à análise dialógico-temática, em que enunciados são organizados em posicionamentos que iluminam temas e significados/sentidos, reconhecidos em redundâncias, ênfases, similaridades e ambivalências, tendo em vista o enfoque nas experiências de transformações de si como indicativo de reflexividade.

4 apresentação e discussão dos resultados

Os resultados, indicaram que as dinâmicas de reflexividade foram geradas em: a) cronotopo das ações com outros significativos: em que o jovem se produz entre pessoas e lugares, em atividade; b) ambivalências em produção de si: geradoras de diferentes graus de reflexividade, em coexistência com os recursos cognitivo-afetivos, disponibilizados nos contextos; c) temporalidades na produção de si: deslocamento entre perspectivas em diálogo como possibilidade de inovações; d) narrativas da linha da vida em processos de mudança; e) tornar-se musicista como possibilidade de produção ético-estético-político.

As interpretações ético-estéticas geradas entre eu-outro em cronotopos situados, em diferentes ambivalências, entre acostumar ↔ fugir/modificar-se, abandono ↔ acolhimento ↔ vontade de mudar. O confronto instaurado entre os cronotopos do beco, da rua/bairro, do conselho/abrigo, casa Esperança e ONG, em dinâmicas ambivalentes, entre vivências de violência-violação de direitos e vivências de cuidado-acolhimento, traduziram esforços psíquicos entre se subjugar e transgredir, mesmidade e crítica.

Entre experiências de abuso sexual, agressões e ameaça de morte, nos cronotopos do beco e da rua, e vivências de cuidado e atenção, do conselho/abrigo, casa de Esperança e ONG, esse fluxo dialógico compõe a dinâmica das narrativas de cuidados de si. Assim, os deslocamentos por diferentes cronotopos, orientaram Bela a produção de estratégias de resiliência e criticidade. O enfrentamento das situações de violência e violação de direitos, são concretizadas, por exemplo, no ato de abandono da prostituição e drogas, que

a deixaria “seca” para “ter uma vida boa, uma família, alguém que gosta de mim [...] ter felicidade”.

Movimentar-se entre espaços compartilhados com outros significativos, possibilitou transformações, em transição, quando diante à possibilidade da morte física e concreta, “quero viver e pensar no futuro... agora acho que o amor não está proibido, está livre... Eu pensava que o problema era comigo... aprendi e não quero repetir tudo”, vislumbrando um futuro de possibilidades. Tomadas de decisão, como retornar para o abrigo enquanto espaço de proteção, buscar a casa de Esperança para cultivo de receber ↔ dar cuidado e buscar a ONG para conversar, organiza a narrativa de Bela em produção de estabilidade e senso de si, em processos de mudança. Sua trajetória, em descontinuidades entre vivências de perigo, como a venda do seu corpo e a função de avião no tráfico em deslocamento, para trabalhar como babá, estudar e ter um novo amor, indica acontecimentos abertos a questionamentos, no confronto com alteridades.

A possibilidade da morte, atualizada na narrativa, de que estaria “seca” subjetiva e fisicamente, a posiciona como “ser indiferente” para o outro que deveria cuidar. Mas, nos confrontos entre os espaços monológicos e dialógicos, pelos quais Bela se deslocou, experiências não foram subtraídas, mas compôs uma totalidade narrativa dinâmica, em organização e autoregulação ao eu-outro, produzindo habilidades resilientes e criticidade. Assim, vivências mediadas por fatores de risco, como as drogas, o tráfico e a prostituição e fatores protetores em espaços de acolhimento, oportunizaram diálogos reflexivos. A relação de Bela com a rua, em processos de convencionalização, é qualificada “porque não joga tudo no lixo” na expectativa de ser feliz, trabalhar e, nas palavras dela, “ser eu mesma”.

a) cronotopo das ações com outros significativos

A produção de significados e sentidos, em negociação intersubjetiva, organizaram cronotopos da atividade como vivências no beco, vivências rua/bairro, vivências conselho/abrigo, vivências casa tia Esperança e vivências ONG, tematizados a partir de relatos espontâneos da participante. Considerando que o tempo se condensa no espaço da enunciação, organizando acontecimentos, em desenvolvimento, diferentes cronotopos coexistem entre práticas de permanência, em que Bela reproduz vivências de negligência, abuso sexual, drogas, e práticas de mudança, rotas alternativas às situações de violação. Frente ao medo da morte, Bela escolhe a vida.

Tabela 1: Temas e significações em dinâmicas de interpretações de si

Temas e Significados					
Temas	Vivências no Beco	Vivências na Rua/beirão	Vivências no conselho/abrigo	Vivências casa/Tia Esperança	Vivências ONG
S I G N I F I C A D O S	<p>Morava no beco... meu pai é usuário, também.</p> <p>Meu pai cuidava... usava drogas... batia na gente...</p> <p>Até ir para o abrigo sempre morei com o meu pai... fugia de lá (abrigo) e voltava pra ver minha família... ficava com saudades</p> <p>Fugia de novo (abrigo)... sempre voltava...</p> <p>Eu gostava dele, né?!... porque era pra cá que eu voltava, né?!...</p> <p>Sentia falta dele... foi ele que me criou desde pequenininha... eu acostumei ficar com ele.</p> <p>quem ajudou me criar foi minha avó e tia, mas não sei...</p> <p>... recebia pouco cuidado... se eu continuasse na casa do meu pai estaria seca... até morta, não era pra estar aqui... As vezes tenho raiva do meu pai... me vendia por droga... quando falava que não queria, me xingava, me batia.</p>	<p>Morar... desde pequena acostuma.</p> <p>...é um bairro bom, mas perigoso também</p> <p>... a rua era o meu lugar... encontrava amigos, alegria, não jogo tudo no lixo. Mas tem também o perigo... de fazerem mim... amesguram cortar meu pescoço</p> <p>...usava cocaína que faz efeito, mas não faz esquecer o sofrimento</p> <p>... com o tempo passei a me vender para eu usar a droga</p> <p>... minha mãe anda pelas ruas do bairro, encontro com ela... usa porcaria... me esqueceu numa caixa de papelão, pode isso?... eu tenho dó... queria fazer o melhor... trazer pra perto de mim. As vezes me dá raiva, mas deixa...</p>	<p>Não sabia... não lembro... não sei como fui parar no abrigo... o conselho me pegou e levou para o abrigo e pra ficar... estava no colégio, veio uma moça nem sei de onde, me levou e depois... não voltei mais pra casa.</p> <p>fiquei bastante tempo, nem lembro quantos anos. Fui com 10 anos</p> <p>...fui crescendo, ai fugia... trazia mais gente... juntava as macalinhãs, jogava pro outro lado de fora, pulava o muro</p> <p>... o conselho ia bater lá na casa com a policia e pegava a gente... esperava mais um pouco e fugia de novo.</p> <p>O conselho me tirava dele (pai) por tudo que ele fazia.</p> <p>...14 anos fui para abrigo para maiores... fugia, ia para o mesmo lugar, voltava (Beco). Mas recebia carnião, alimentação... gostei dessa abrigo, conversaram com ela (Esperança) e só me destruíram o que eu queria, ficar na rua eu voltar pro abrigo... preferi voltar... perguntaram se tia Esperança queria ficar comigo. Eu aceitei e ela aceitou...</p> <p>... só usando drogas... mas nunca ia subir, só me destruir... Voltar para o abrigo... era essa a realidade que eu queria. Eu vivia fugando, ia morrer</p>	<p>... quando apareceu tia Esperança, comecei ir pra casa dela... eu ajudava porque estava doente, arrumava as coisas... foi indo e eu ia todo dia...</p> <p>... para fugir disso (pai) ia dormir na casa da tia, mas nem sempre conseguia</p> <p>...ela não é parente, não é nada minha... ela me pegou pra morar com ela</p> <p>já estava morando com a tia, e acabei saindo de lá, briguei, havia bebido, escolhi a rua... fui usar drogas, imaginei, fui indo...</p> <p>me arrependi de ter saído, chorava muito, sentia falta, gostava muito deles... me arrependi</p> <p>(depois da conversa com a ONG)... pedi pra voltar. Tia Esperança falou que era pra conversar com o tio, pedir perdão. Falei com ele, chorei... disseram que se eu melhorasse e não ficasse na rua, me aceitavam.</p> <p>Sempre quis morar com a tia... hoje estou na casa dela... Sair da casa da tia foi o mais difícil da minha vida</p> <p>Ela é muito importante, me ensinou muitas coisas, aprendi muitas coisas... a arrumar a casa, ... a cozinha, respeitar os outros, ajudar o próximo, essas coisas...</p> <p>... sei que tia Esperança gosta de mim de verdade... Antes ninguém... silêncio... ligava pra mim... a minha morte era indiferente</p>	<p>A ONG entra na minha vida, encontrei os tios que me ajudaram a voltar pra tia</p> <p>vim conversar com o tio pra ele me ajudar, a tia de lá me ajudou, ela chamou tia Esperança pra conversar.</p> <p>Me ajudou para sair das ruas... ser feliz</p> <p>... porque quero trabalhar e ser eu mesma</p>
<p>Acostumar</p> <p>RUA</p> <p>Fugir</p>	<p>(Casa do pai (Beco)) → Rua → (Conselho/Abrigo) → Rua → Casa do pai</p> <p>[Conselho/Abrigo] → ONG → Esperança</p>	<p>[Conselho/Abrigo] → Rua → Casa do pai</p> <p>[Conselho/Abrigo] → ONG → Esperança</p>	<p>[Conselho/Abrigo] → Rua → Casa do pai</p> <p>[Conselho/Abrigo] → ONG → Esperança</p>	<p>[Conselho/Abrigo] → Rua → Casa do pai</p> <p>[Conselho/Abrigo] → ONG → Esperança</p>	<p>[Conselho/Abrigo] → Rua → Casa do pai</p> <p>[Conselho/Abrigo] → ONG → Esperança</p>

O quadro foi organizado em cronotopos, a fim de apresentar a narrativa em deslocamentos multiplanos, entre permanências e descontinuidades, gerando negociações e atualizações no encontro pesquisador-participantes. Bela, em deslocamento pelos cronotopos do beco, da rua, do conselho/abrigo, tia Esperança e ONG, expressa a dinâmica polifônica em produção de si. Nos confrontos entre significados reguladores de cuidado, como receber carinho, alimentação, ensinar “muitas coisas”, e significados reguladores de abandono/violência, como *ser indiferente* porque o pai “vendia por droga, xingava, batia” e a mãe que a “esqueceu numa caixa de papelão”, orientaram Bela a ações entre o perigo e a preservação. Dinâmicas ambivalentes entre se prostituir-usar drogas e estudar-trabalhar, indicam processos de ruptura, em transição, de “querer sair da rua, ter uma vida melhor”. O deslocamento intra e intercronotópica, em fluxo dialógico, entre vivências da morte ante a indiferença do outro que a deixaria “seca” e vivências de vida como acolher, ensinar e gostar, faz Bela desejar “[...] ser eu mesma”.

O posicionamento eu-adolescente que ajuda em casa, estuda, trabalha como babá, namora menina e ajuda na ONG, foi negociada, em dinâmicas de reflexividade, com o posicionamento eu-abusada que sofria violência física e sexual e usuária de drogas em espaços que “conversaram... perguntaram o que eu queria”, oportunizando posicionamento eu-feliz “[...] porque tudo que eu quis eu tenho agora”, projetando um futuro em que tem uma vida boa e uma pessoa legal. Experiências com alteridades que circulavam no beco, como o pai, avó e tios, com alteridades da rua, como os amigos bons, amigos perigosos e a mãe, com alteridades do abrigo, como os conselheiros e os profissionais, com alteridade da casa Esperança e da ONG, vozes em coexistência, indicam a organicidade da dinâmica e processos sociais em que Bela é constituída, como organização do *self* entre “acostumar” e “fugir” das vivências de violação.

Bela interroga-se como possibilidade de romper o ciclo ‘acostumar-fugir’ que “gostava dele (pai), né!? Era pra cá que eu voltava, né!?!... acostumei”, em diálogos reflexivos eu-outro, como: “recebia pouco cuidado... as vezes, tenho raiva... antes ninguém ligava pra mim... a minha morte era indiferente”. Afetos como falta ↔ raiva na relação pai ↔ Bela; dó ↔ raiva na relação mãe ↔ Bela; destruição ↔ arrependimento; na relação eu-abusada ↔ eu-adolescente; abandono ↔ carinho; na relação eu-abusada ↔ Esperança; silêncios relacionados a “tudo que ele (pai) fazia”; esquecimentos relacionados ao primeiro abrigamento e as pausas relacionadas ao esquecimento da mãe que a deixa em uma caixa de papelão no bar, atualizam, no momento da entrevista, interações eu-outro do passado, indicando reflexividade orientada a querer “uma vida melhor”, concretizada em decisões de estudar, trabalhar e permitir-se ao romance. Mudança de posicionamento, por exemplo, em buscar ajuda para não ser abusada pelo pai e o abraço possível na mãe, projetaram Bela a uma adolescência de responsividade.

Relações dialógicas com o espaço abrigo, casa de tia Esperança e com a ONG, em vivências de respeito, troca de conhecimento e cuidado, fizeram con-

traponto as vivências nos espaços do beco e da rua. A indiferença encarnada na representação de morte concreto-subjetiva frente a indiferença e agressão do pai, a ameaça de lhe cortarem o pescoço por desconfiança de atuar como X9 na comunidade e, quando exposta aos perigos da rua, foram motivadores de mudança, pontos de virada, em tomadas de decisões, como retornar ao abrigo e procurar os “tios da ONG” como meio de concretizar voltar para Esperança e, assim, poder sair das ruas.

Bela interroga; “[...] se eu continuasse na casa do meu pai estaria “seca”, porque quando emitia a voz “[...] que não queria” era subtraída em práticas discursivas autoritárias, tornada monológico, porque “ele (pai)... xingava, batia”. A agressão é um silêncio ensurdecedor. “Acostumar” e “fugir” da situação, coexistiam, ora rompendo com a mesmidade, ora negando à ela mesma, uma atitude de cuidado, de modo que a enunciação “eu me vendia para usar drogas” e “ser usuário, também” comporta o *eu* e o *tu* da relação passada, atualizadas em momentos de ruptura, em transição de produção de si. Suas interpretações emergem na intertextualidade dos encontros da rua, cujo o “bom, mas perigoso” êxtase, em abstrações, que as drogas oferecem é efêmero, porque “[...] faz efeito, mas não faz esquecer o sofrimento” de quem se questiona sobre ser-abusada física e sexualmente e esquecida numa caixa de papelão no bar “[...] pode isso?”.

Da rua, no entanto, “não joga tudo no lixo” porque “encontrava amigos e alegrias”, mas reconhece que é preciso encontrar outras formas de posicionamentos do seu ser. Reconhecida a sua situação perante a vulnerabilidade e risco social pelas instituições que formam a Rede de Garantia de Direitos e rede de proteção de vizinhança do bairro, Bela tem novos começos, incorporando a sua própria palavra “outras perspectivas”, que em desenvolvimento complexifica e expande o repertório do *self* como filha adotiva, estudante, trabalhadora, namorada. Em seus deslocamentos renitentes entre o beco e a rua, entre “acostumar” e “fugir”, o segundo abrigo canaliza dinâmicas, entre forças centrípetas e centrífugas no presente, em posicionamento eu-adolescente, iluminando o passado em posicionamento eu-abusada, orientada à posicionamento eu-feliz, em dinâmicas de reflexividade.

As dinâmicas ambivalentes entre fugir e voltar para o abrigo, são sintetizadas no cronotopo *conselho/abrigo*, em processos de convencionalização, em que narra o que passou de sofrimento, mas (re)conhece que “tendo consciência boa... não encontro o que foi ruim porque não procuro mais, hoje procuro a rua para ir atrás do que quero... escola e encontrar meu namorado”. O segundo abrigo atua como um marco no desenvolvimento de resiliência crítica, espaço dialógico que oportunizou a compreensão ativa e responsiva, em que aceitar, discordar ou negar, implicou emergência de fala autoral. A conversa interessada e atenta às interrogações de Bela quanto a “ficar na rua ou voltar para o abrigo”, orienta sua decisão “[...] preferi voltar”, se referindo ao espaço em que “recebia carinho, alimentação”, afirmando que “gostei desse abrigo”,

sem as dúvidas recorrentes que marcaram sua narrativa em dinâmicas afetivas ambivalentes, por exemplo, no cronotopo “beco” e canalizadas aos que, institucionalmente, são posicionados e recebem a tarefa de cuidadores.

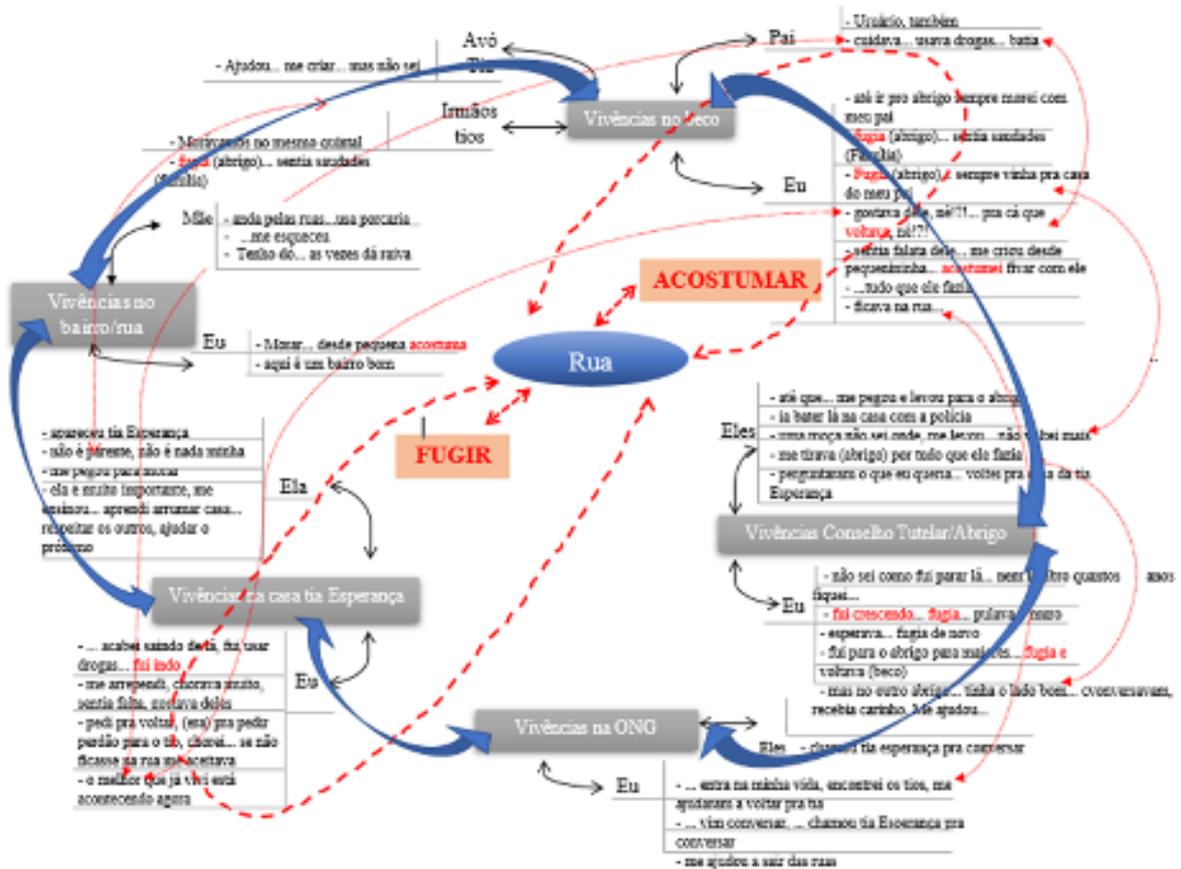
Bela, experimenta “cuidar e ser cuidada”, incorporando tons e ecos de enunciados alheios, como respeitar os outros e ajudar o próximo, dos contextos do abrigo, da casa de Esperança e da ONG, diversificando sua trajetória de vida. Entre “não lembro... não sei como fui parar no abrigo” e “minha morte era indiferente”, (re)conhece que “o conselho tirava [ela] dele [pai] por tudo que ele fazia”, escolher sair das ruas, revela reflexividade orientadas a expectativa de “é essa a realidade que [eu] queria”. A experiência de ajudar Esperança, que estava doente, atualiza a relação “cuidar e ser cuidado”, de modo que Bela experimenta diferentes lugares institucionais que a modifica. Mover-se entre perspectivas, cultiva a alternância discursiva entre a rua que a deixa seca e a rua que a leva ao que deseja, integrando perspectivas orientadas à autorregulação e ação criativa.

Se, em um primeiro momento, sofria violência física, sexual e psíquica por terceiros, a posteriori era ela mesma seu próprio algoz porque também, em muitos momentos não encontrou alternativas socioculturais. Estas receberam sua atenção quando a própria dor foi ressignificada em que “é difícil pensar [...] mas quero viver e pensar no futuro agora” e porque “teve um momento que você diz não quero mais isso... o amor não está proibido, está livre... eu pensava que o problema era comigo... aprendi e não quero repetir tudo”.

b) Dinâmicas ambivalentes em produção de si

O mapa semiótico indica as dinâmicas ambivalentes em reflexividade, evidenciando a tensão entre o conhecido e o inesperado, entre “acostumar ↔ fugir” das situações de maus tratos, violência e violação, como possibilidade de produção de novidades.

Figura 1: Mapa semiótico de Bela



A narrativa organiza e regula a história de vida em deslocamento pelos diferentes cronotopos, entre continuidades e discontinuidades. Em cada cronotopo Bela se posiciona diferente, no cronotopo “beco”, como observadora eu-abusada, orientada ao sentido de “ser indiferente”, atualizada em idas-e-vindas que a deixaria “seca”. No cronotopo “rua”, como personagem, descreve e explica as transformações vivenciadas entre ser avião ↔ se prostituir, “usar cocaína embora não faça esquecer o sofrimento”, os amigos legais e o abraço possível na mãe. Bela, expande seus movimentos geográficos e psíquicos, ao participar dos cronotopos conselho/abrigo, casa de Esperança e ONG, como observador-participante, em dinâmicas de reflexividade, em desenvolvimento de percepção de si, autorregulação e autoavaliação, orientada a planejar ver o futuro da irmã que foi se prostituir e “gostar de mim”.

Na cidade como um todo, há práticas discursivas canalizadas em significados reguladores de que lá, no bairro, é um lugar que nada presta, organizando modos de socialização, em reciprocidade de internalizações ↔ externalizações, que impactam na história de vida de Bela e do bairro. Condição que exige esforços extras por parte de Bela, para romper com o pré-estabelecido e produzir brechas de emergência de diferentes modos de subjetividades. A rua coloca Bela diante da possibilidade da morte, mas encontra na ONG, um lugar de endereçamento de sua fala e reaproximação com Esperança.

c) Dinâmicas temporais de produção de si

A narrativa se apresenta em diferentes planos discursivos: narradora ↔ outras pessoas, tempos ↔ eventos ↔ lugares, enredos que o presente ilumina o passado que, por sua vez, passa a ser orientado ao futuro. As dinâmicas de produção de si, são mediadas por ações geradas em relação à dinâmica em diversidade de vozes como pai ↔ mãe ↔ tios ↔ amigos ↔ inimigos da rua ↔ profissionais do conselho tutelar e abrigo ↔ tios da ONG em lugares específicos como beco ↔ rua ↔ conselho/abrigo ↔ casa Esperança ↔ ONG, em coexistência e dialogicidade. Diferentes espaços-tempos qualificam a história de vida e orientam narrativas para pensamentos e atuações reflexivas em desenvolvimento de resiliência crítica.

Tabela 2: Dinâmicas temporais de produção de si orientadas à pensamentos e atuações Reflexivas

Estado caso Bela	Dinâmicas espaço-temporais		
	Presente	Passado	Futuro
Narrativas orientadas para pensamentos e atuações reflexivas	<p>... ela (mãe) me dá um abraço e eu dou um abraço nela, só isso...</p> <p>... Ela (Esperança) é muito importante</p> <p>... venho conversar com os tios (ONG)</p> <p>quando penso em mim as vezes eu fico com a consciência pesada, mas depois fico tranquila.</p> <p>O melhor que já vivi está acontecendo agora</p> <p>Eu sempre luto para não voltar para tras</p>	<p>... tudo que ele (pai) fazia. (pai)</p> <p>... mas não sei!?!... pode isso!?</p> <p>... Conversaram (abrigo)... perguntaram... recebi carinho... voltei para poder ir para casa de tia Esperança</p> <p>... cocaína que faz efeito, mas não faz esquecer o sofrimento.</p> <p>... Sair da casa de tia Madalena foi o mais difícil da minha vida... foi minha escolha... me arrependi... pedi pra voltar...</p> <p>... aprendi que nada valia a pena</p> <p>... quis ir para o abrigo para sair das ruas... só usando drogas, ia acabar com a minha vida, nunca ia subir, só ia me destruir, ia ficar deixando os outros até me matarem.</p>	<p>Eu quero ter uma vida boa... família que gostasse de mim, ver o futuro de minha irmã que foi se prostituir</p> <p>... quero felicidade... quero postar de mim... e ter uma pessoa legal</p> <p>... eu gosto de meninas... não quero perder tia Esperança</p> <p>... Não posso fazer isso aqui (Bairro), quero viver isso... estou encontrando uma pessoa... escondido e está muito legal, sem medo.</p> <p>... eu queria...</p>

Verifica-se, na dinâmica narrativa de Bela, um presente que revisita o passado, em possibilidade de fazer um balanço do que foi feito e refletir sobre as etapas futuras, de modo a imprimir especificidades aos acontecimentos. Indicativo de reflexividade em desenvolvimento de emancipação, como produção ético-estética. Tal processo, teve como causa-motivacional condições de socialização, em qualidade e diversidade de recursos cognitivo-afetivos, pelo acúmulo de experiências com outros significativos, oportunizando conhecimento para lidar com novos contextos sociais. As relações estabelecidas em situações extremas de violação de direitos em zonas de contato com agentes que cumpriram a função de protetores, oportunizaram integridade do *self*.

Os interlocutores do passado e seus contextos, são revisitados entre marcações de esquecimentos, silêncios e dúvidas em confronto, nos espaços dialógicos, com experiências que oportunizaram desenvolvimento de habilidades para lidar com as adversidades. O presente de Bela, marcado pelas pessoas legais do bairro, pelos encontros com a mãe no espaço da rua, entre a raiva e o desejo de vê-la melhor que faz síntese no abraço, pelo movimento nas ruas intencionadas à casa de Esperança, onde alterna posições entre cuidar e ser cuidada, integra perspectivas gerando estratégias de enfrentamento (*coping*) frente as vivências de violências.

Bela só falou um pouco mais sobre os abusos físicos e sexuais sofridos por parte pai e a vida na prostituição no último encontro, obteve-se dados destas

experiências, em entrevistas realizadas com diretores da ONG e Esperança, para contextualização. No entanto, os não-ditos, silêncios, pausas rítmicas da respiração e o olhar que foge do encontro com a pesquisadora, indicam o desconforto daquilo que não tem escapatória: “ah... tudo que ele fazia”, mas em atuação resiliente, atualiza vivências de sofrimento em atos de receber ↔ dar carinho, arrumar a casa e respeitar o próximo, projetando “ter felicidade”.

A rua não deixou de ser “o lugar” de identificações, mas por não “[...] esquecer o sofrimento” em que poderia estar “[...] até morta”, Bela negocia, na intertextualidade, o respeito como princípio dialógico. Desta forma, os encontros com a ONG, o conselho, o abrigo e Esperança, concretizaram-se espaços dialógicos que oportunizaram um *loop* exploratório de si, vista por uma perspectiva de exterioridade; “[...] quando penso em mim às vezes eu fico com a consciência pesada, mas depois fico tranquila... o melhor que já vivi está acontecendo agora... sempre luto para não voltar para trás”.

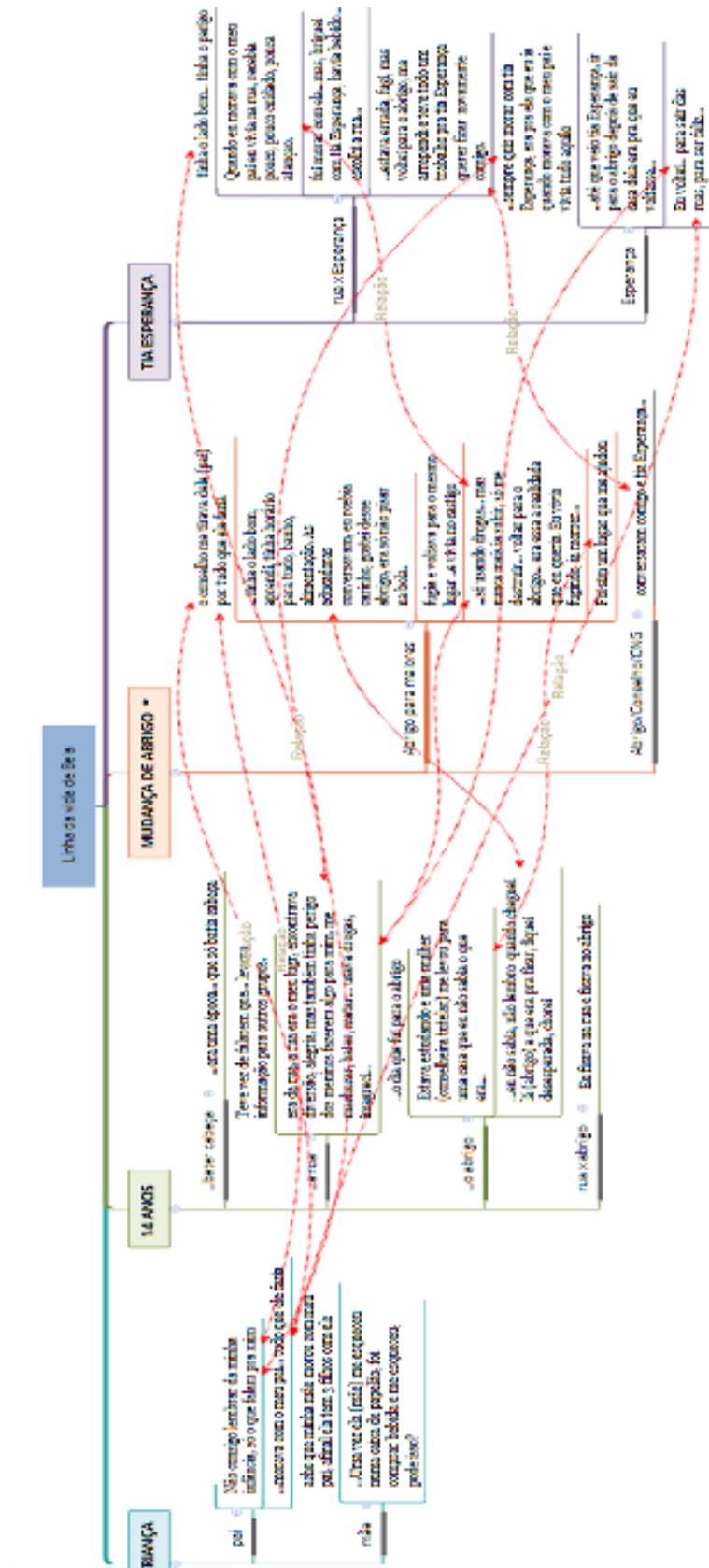
Bela atualiza conflitos e tensões “[...] sempre luto”, entre ambivalências e incertezas, em processos de negociações eu-outro, por exemplo, afirmando gostar de meninas, ciente que sustentar seu desejo implicará novos posicionamentos e narra suas “fugidinhas... para encontrar um novo amor” e, concomitante, enfrenta suas inseguranças, porque “não posso fazer isso aqui (Bairro), mas quero viver isso... estou encontrando uma pessoa escondido e está muito legal, sem medo”. Medo aprisiona, monologiza o discurso. Bela busca parcerias para conversar, desejar e ter felicidade e, assim “não voltar pra trás”, de modo que o futuro antecipado, oportuniza processos de mudanças de pensamento e ações orientadas “[...] a ser eu mesma”.

d) narrativa da linha da vida em processos de mudança

A narração, para além de uma tessitura linear, cronológica, é organizada e significada em ambivalências, gerando processos de reflexividade em desenvolvimento de resiliência crítica. O relato evidencia negociações, no espaço do segundo abrigo, como posicionamento eu-adolescente, em diálogo com o futuro em ter casa ↔ amor, distanciada do passado de vivências de abusos ↔ negligências. O acolhimento e o respeito à sua voz, a integridade físico-emocional nos espaços do abrigo, Esperança e ONG, permitiu deslocamentos entre cronotopos, gerando novas narrativas, entre imaginação e criatividade, em tomada de decisão de sair das ruas e receber atenção e carinho de uma família.

Bela costura sua vida no espaço “rua”, espaço ambivalente, em que reconhece que “ali é o meu lugar”, porque, diferente do que, hegemonicamente, se espera de uma casa, foi o lugar onde encontrou também proteção, mas em coexistência com o medo de “[...] cortarem meu pescoço”. Se posicionar como reclusa ↔ abrigada ↔ protegida, no cronotopo conselho/abrigo; cuidar e ser cuidada, cozinhar, respeitar e ajudar o próximo, no cronotopo casa Esperança e ainda ser assistida ↔ conversar ↔ ajudar no cronotopo ONG, em deslocamentos, gerou e orientou a dialogicidade do *self*. O *self* como totalidade dinâmica e aberta, indicada pelas setas bidirecionais na linha da vida, oportunizou atuações reflexivas orientadas a se afastar do perigo e desejar ser feliz.

Figura 2: Narrativas da linha da vida em processos de mudança



As pessoas, o enredo e o ritmo dos eventos, orientam comportamentos psicológicos e emocionais específicos. A narrativa estrutura a experiência perceptiva, organiza e seleciona os eventos intencionalmente, produzindo sentido a si, ao outro e às experiências. O muro da instituição abrigo é representativo como fronteira entre o conhecido e o desconhecido e quando “juntava as mochilinhas, jogava pro outro lado de fora, pulava o muro” revela a ruptura em transição, entre permanências e mudanças, entre se proteger e se colocar em risco, atualizados, em zonas de contato, a cada nova experiência em processo de interpretações de si.

O segundo abrigo, atua como quebra na comunicação e síntese do acúmulo de experiências, em múltiplos planos, de modo que Esperança “aparece” oportunizada pelos discursos com outros interlocutores. O abrigo figura, portanto, como experiência fronteira, em co-desenvolvimento, entre dúvidas, silêncios, vivências de negligência, maus-tratos e vivências dialógicas de cuidado. A rua, embora perigosa porque encontrou “companheiros pra levar pra furada”, também foi o lugar onde encontrou “amigos” e os “tios da ONG” que a ajudaram voltar pra Esperança.

Os pontos de virada, gerados em ambivalências e incertezas, oportunizaram organização e autorregulação, negociada em jogos de posicionamentos eu ↔ outro. Os diálogos ressignificaram as relações entre “acostumar” e “fugir”, bem como qualificaram “aceitar” Esperança, porque “foi sim um lugar que me ajudou”. A experiência de relacionamentos seguros e incentivos a reflexividade, em atos de fala, apoiada por interlocutores em espaços de acolhimento e garantia de direitos direcionados ao trabalho com jovens em situação de vulnerabilidade e risco pessoal e social, possibilitou estabilidade e senso de si, em processos de mudança. A totalidade inclusivo-dialógica de diferentes experiências oportunizaram integridade dinâmica do *self*. Entre sincronia e diacronia, integração e diferenciação, Bela estabelece pontes imaginárias em produção de narrativas, que indicam criatividade em produção de si em meio as vivências de violação de direitos. Movimentar-se entre historicidades e campos geográfico-semânticos, possibilitaram aquisição e expansão de conhecimento.

e) tornar-se musicista como produção ético-estético-política

Na entrevista sob tópico música, Bela se expressa através da composição ‘Malandro também ama’ do cantor Kallebi. As dinâmicas polifônicas, em atos de comunicação, concretizadas na música cantarolada, expõe o trabalho de síntese semiótica, que orienta tomada de perspectiva. A música atualiza no encontro pesquisadora-participante um salto imaginativo, ato criativo, em que Bela revela sua singularidade.

A apropriação de músicas em contextos locais, é um elemento importante do trabalho de identidade, elaboração e projeções futuras. Bela revela-se em tensão:

Essa música fala tudo, penso no que passei, mas tem momento bom. É difícil pensar... mas quero viver e pensar no futuro agora... teve um momento que você diz "não quero mais isso"... eu vivia fugindo, ia morrer... me afastei de tudo... Agora acho que o amor não está proibido, está livre... pensava que o problema era comigo... aprendi e não quero repetir tudo... tendo consciência boa na rua, não encontro o que foi ruim, porque não procuro mais, hoje procuro a rua para ir atrás do que quero, escola e encontrar meu namorado.

O jovem em seus deslocamentos, na condição de caminhante, pelas ruas da cidade cultiva perspectivas (GLAIVEANU, 2016), entre processos de quebra de comunicações e negociações intersubjetivas, como possibilidade de posicionamento ético-estético-político. Ato criativo que inclui e conserva o saber dos jovens da periferia-cidade para novos começos (DAY; GODDARD, 2010) e emergência de novidades, alicerçados no valor da dignidade como condição humana. Os jovens significam o espaço rua, espaço fronteiro de produção de conhecimento, e negociam diferentes usos e apropriações, revelando a multifuncionalidade do "ato político, da reivindicação, da festa, do lúdico e do improvisado" (LOBODA, 2016, p. 37), tornando o espaço público arena de confronto com o diferente. O foco na reflexividade (DE SAINT-LAURENT; GLAIVEANU, 2016; GILLESPIE, 2007; MARSICO; RUGGIERI; SALVATORE, 2015), como transformações qualitativas de si, do outro e mundo, implica considerar alter-nância de endereçamento-responsividade em movimento no cultivo de sensibilidades, empatia e inovações que lançam o sujeito à sua própria humanidade e a humanidade do outro.

As narrativas e explicações nas interpretações de si, de Bela, constituíram-se em fluxo contraditório de significados culturais, que mudam de acordo com o contexto social. Os discursos carregam crenças e expectativas que orientaram ações e atuações entre "acostumar" e "fugir", mediados pelo espaço da rua, em jogos de posicionamentos que oportunizaram tomadas de decisão pela vida. Diferentes dinâmicas de ambivalências, geradoras de rupturas e quebras de significação, geraram reflexividade (ABBEY; VALSINER, 2005; GILLESPIE, 2007; ZITTOUN, 2016), mediadas por fatores de risco e protetores, em desenvolvimento de resiliência crítica. Experiências com alteridades, como os amigos da rua, o abrigo, a tia Esperança e os tios da ONG, foi fundante em relações de endereçamento-responsividade (VOLOSHÍNOV, 2006) e atos de reconhecimento-pertencimento (DAY; GODDARD, 2010; KESSI; HOWARTH, 2015), enlaçando intencionalidades, em meio às adversidades.

Entre "acostumar" e "fugir", Bela inaugura um terceiro lugar gerado no e pelo diálogo, no qual o confronto é possibilidade de emergência de novidade, "conversaram... perguntaram o que eu queria". Mover-se nas estruturas institucionais (GROSSEN; ORVIG, 2011), por exemplo, criança de rua, jovem abrigada e acolhida, diferencia a experiência de Bela entre posições sociais

de abandono □ acolhimento e/ou cuidar □ ser cuidada, possibilitando integrar expectativas, em negociação intersubjetiva, em um todo integrado e significativo. Ter contato com pessoas e instituições que serviram de base segura de afeto e conhecimento, facilitou se reinventar.

A heterogeneidade de recursos semióticos entre pessoas e lugares revela-se no relato atualizado pesquisador-Bela, em atualizações que vão organizando e regulando a produção de trajetória de vida que encontra um ponto de mutação em “[...] teve um momento que você diz não quero mais isso” □ “quero ser eu-mesma”. Diante do risco e ameaça concreto-simbólica da morte, ameaçaram “cortar meu pescoço”, em zonas de contato com a rede de proteção socioassistencial em experiências dialógicas, Bela negociou produção de conhecimento “[...] Esperança gosta de mim de verdade”, encontrando assim, recursos semióticos para operar um curto-circuito reflexivo, em forma de campo semântico hierárquico e dinâmico, capaz de reunir diversas vozes e entonações. Esperança, negociada no signo intersubjetivo, “conversaram com ela e comigo... eu aceitei e ela aceitou (adoção)”, é possibilidade de olhar da perspectiva do outro, orientada a imaginar e desejar um futuro de “amor”.

Mudanças de posicionamentos do “eu”, “tendo consciência boa na rua não encontro o que foi ruim, porque não procuro mais, hoje procuro a rua para ir atrás do que quero” apresenta a rua, em qualidade, como elaboração semiótica de sentido pessoal fundado na interseção da história coletiva (ROSA, 2015), de modo que a palavra alheia é recurso cultural, em coprodução, orientado a autoria de pensamento e emancipação (MARQUES; SATRIANO, 2014). Hoje se descobrindo gostar de meninas, atualiza novos embates e ambivalências ante o medo e incerteza de “perder o amor de Esperança”, mas vai ao encontro do amor para projeta-se no desejo de ser o que ela chama de “eu mesma”.

5 Considerações finais

A reflexividade implica em interpretações ético-estéticas, geradas no eu-outro em cronotopos situados, em diferentes ambivalências, em trajetórias que indicam maior força, ou seu enfraquecimento em atuações resilientes e críticas em contextos de pobreza. O jovem produz significados em atos de responsividade, em negociação de interesses historicamente localizados, em coprodução, para agir no mundo entre o conhecido e imprevisível, em processos de reflexividade. Na reflexividade, há a dependência-independência entre subjetividade e contextos específicos que, aberto ao diálogo, oportuniza inclusão das vozes dos adolescentes. Vivências de ruptura autobiográfica que geraram transições, expressas por ambivalências e incertezas, produzem reflexividade em desenvolvimento de resiliência e crítica, entre fatores de risco e protetores, avançando na produção de agencialidade, oportunizada por atos dialógicos de respeito e empatia. Experiências abertas a alteridades, geralmente impactam em tomadas de decisão, projetados ao futuro, que modifi-

cam condições socioeconômicas e afetivas.

As condições de humanização que implicam relações dignas de existência em preceitos equânimes e de empatia, resultam das complexas relações sócio-histórica, em que os jovens se inserem e das quais ativamente participam. A paisagem urbana, como espaço de constantes confrontos, com alteridades em atividades conjuntas, entre restrições e potencialidades históricas, equipa os jovens em habilidades de reflexividade no desenvolvimento de novas formas de atuação e transformação de posicionamentos do “eu”.

Vivências de interrupções nas relações de cuidado, instabilidade econômica e de moradia, estigma social e violação de direitos, caracterizaram as rupturas autobiográficas, as quais exigem e podem desencadear esforços de enfrentamento (*copíng*), entre imaginação e criatividade, orientados à produção de resiliência crítica, estabilidade e senso de si, em processos de mudança. Vivências, em zonas de contato eu-outro, com qualidade de trocas de perspectivas, diferenciam a experiência e integram enunciados orientados à auto-regulação e ação criativa direcionadas a um futuro mais estável e/ou melhor. Oportunizando assim, o enfrentamento de situações adversas e imprevisíveis em desenvolvimento de habilidades relevantes em, por exemplo, saber buscar espaços e pessoas possíveis em ajudar; reconhecer fragilidades; capacidade de decisão sobre o que promove bem-estar e possuir conhecimento sobre motivos que os limitam ou os impulsionam a caminhos nem sempre protetivos.

Estratégias coletivas parecem ser ferramentas necessárias a uma existência segura e digna. O confronto com o diferente, entre posicionamento e reposicionamento qualificados, em relações de reconhecimento □ pertencimento, inclui a negociação de significado excedente como possibilidade de transformação pelo outro. Ora abraçando, ora resistindo, eles vão tecendo histórias e orientando tomadas de decisões, mais ou menos dialógicas, reduzindo ou potencializando o rompimento de barreiras epistemológicas.

A interação de diferentes cronotopos como um aspecto importante da heteroglossias, compuseram a polifonia autobiográfica de Bela. Apontamos a necessidade de aprofundamento do conceito de reflexividade em seus diferentes graus e qualidades, em emergência e extensão, nos diferentes contextos e em condições de severa restrição de recursos cognitivo-afetivos e materiais, como em situações-conflitos próprios da contemporaneidade como deslocamentos humanos por desastres naturais ou provocados diretamente pelo homem, como conflitos por terra ou guerras. Estudos que podem trazer novidades avançando na compreensão da agencialidade humana.

Referências

- AUER, Peter. From context to contextualization. **Links & Letters**, v. 3, p. 11-28, 1996.
- ABBEY, Emily; VALSINER, Jaan. Emergence of meanings through ambivalence. **Forum: Qualitative Social Research**, v. 6, n. 1, 2005, p. 1-24.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Speech genres and other essays**. Austin, Tx: Texas University Press, 1994.
- BROCKMEIER, Jens; HARRÉ, Rom. Narrativa: Problemas e promessas de um paradigma alternativo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 3, 2003, p. 525-535. Disponível em: <http://dxdoi.org/10.1590/s0102-79722003000300011>
- BUBER, Martin. **EU-TU**. São Paulo: Centauro, 2012
- CANCLINI, Nestor G. **Culturas híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2013.
- CLÍMACO, Julia Campos. **Apenas a matéria vida era tão fina: experiências maternas de mulheres com filhos(as) com Tay-Sachs**. Brasília, DF, 2020. Tese (Doutorado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília.
- DAY, Sophie; GODDARD, Victoria. New Beginnings between Public and Private: Arendt and Ethnographies of Activism. **Cultural Dynamics**, v. 22, n. 2, 2010, p. 137–154. Disponível em: <http://dxdoi.org/10.1177/0921374010380892>
- DE CASTRO, Diana Patricia. **Los procesos recursivos en la escritura colaborativa en el computador**. Brasília, DF, 2017. Tese (Doutorado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília.
- DE SAINT-LAURENT, Constance; GLĂVEANU, Vlad Petre. Reflexivity. In GLĂVEANU, Vlad Petre; TANGGAARD, Lene; WEGENER, Charlotte. **Creativity: A New Vocabulary**. New York: Palgrave Macmillan. 2016, p. 121-128.
- ENOSH, Guy; BEN-ARIL, Abital. Reflexivity: the creation of liminal spaces - researchers, participants, and research encounters. **Qualitative Health Research**, v. 26, n. 4, 2015, p. 578–584. Disponível em: <http://dxdoi.org/10.1177/1049732315587878>
- GILLESPIE, Alex. The Social Basis of Self-Reflection. In: VALSINER, Jaan; ROSA, Alberto (Org). **The Cambridge Handbook of Sociocultural Psychology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 678-691.
- GLĂVEANU, Vlad Petre. Creativity as a Sociocultural Act. **The Journal of Creative Behavior**, v. 49, n. 3, 2015, p. 165–180. Disponível em: <http://dxdoi.org/10.1002/jocb.94>
- GLĂVEANU, Vlad Petre. Perspective. In GLĂVEANU, Vlad Petre; TANGGAARD, Lene; WEGENER, Charlotte. **Creativity – A New Vocabulary**. Londres: Palgrave Macmillan, 2016, p. 104-110.
- GLĂVEANU, Vlad Petre. The Possible as a Field of Inquiry. **Europe’s Journal of Psychology**, v. 14, n. 3, 2018, p. 519–530. doi: <http://dxdoi.org/10.5964/ejop.v14i3.1725>
- GOMES, Ramon; DANAZZI, Virginia; MARSICO, Giusepina. The role of “responsiveness” within the self in transitions to university. **Culture & Psychology**, v.24, n.1, 2017, p. 1–11. Disponível em: <http://dxdoi.org/10.1177/1354067X17713928>
- GROSSEN, Michèle; ORVIG, Anne S. Dialogism and dialogicality in the study of the self. **Culture & Psychology**, v. 17, n. 4, 2011, p. 491–509. Disponível em: <http://dxdoi.org/10.1177/1354067x11418541>
- HARRÉ, Rom. Positioning Theory: Moral Dimensions of Social-Cultural Psychology. In: VALSINER, Jaan. (Ed.). **The Oxford Handbook of Culture and Psychology**. Oxford Library of Psychology, 2012, p. 191-204. 2012
- KESSI, Shose; HOWARTH, Caroline. Social Change and Continuity: Connecting Reflexivity and Community Development. In: MARSICO, Giusepina; RUGGIERI, Ruggero A.; SALVATORE, Sergio. **Reflexivity and psychology**, Charlotte: Information Age, 2015, p. 343-363.
- LOBODA, Carlos Roberto. Espaço público e periferia na cidade contemporânea: entre as necessidades e as possibilidades, **Revista Ra’e Ga**, v. 37, 2016, p. 37-63.
- MACLURE, Richard. Youth reflexivity as participatory research in Senegal: A field study of reciprocal learning and incremental transformations. **Social Inclusion**, v. 5, n. 3, 2017, p. 251–261. Disponível em: <http://dxdoi.org/10.1177/1354067x17713928>

org/10.17645/si.v5i3.991

- MARQUES, Valeria; SATRIANO, Cecília. Narrativa, subjetivação e enunciação: reflexões teórico-metodológicas emancipatórias. **Linhas Críticas**, v. 20, n. 42, 2014, p. 257-282.
- MARSICO, Giusepina. The borderland. **Culture & Psychology**, v. 22, n. 2, 2016, p. 206–215. Disponível em: <http://dxdoi.org/10.1177/1354067X15601199>
- MARSICO, Giusepina; RUGGIERI, Ruggero A.; SALVATORE, Sergio. **Reflexivity and psychology**. Yearbook of Idiographic Science. Charlotte: Information Age Publishing, 2015.
- MOTTA, Flavia E.; RAFALSKI, Julia Carolina; RANGEL, Iasmyn C.; SOUZA, Mariane L. Narrative and dialogical reflexivity: An approach between writing and inner speech. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 26, n. 3, 2013, p. 609-616. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S010279722013000300021>
- ROSA, Alberto. The reflective mind and reflexivity in psychology Description and Explanation in a Psychology of Experience. In: MARSICO, Giusepina; RUGGIERI, Ruggero A.; SALVATORE, Sergio. **Reflexivity and psychology**, Charlotte: Information, 2015.
- SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. **E-cadernos CES (Online)**, v. 18, 2012, p. 1-5.
- SOUZA, Candida; SILVA, Daniele Nunes Henrique. Adolescência em debate: contribuições teóricas à luz da perspectiva histórico-cultural. **Psicologia em Estudo**, v. 23, 2018, p. 23-34. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4025/psicoestud.v23.e35751>
- VOLOSHÍNOV, Valentin N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- ZITTOUN, Tania. Sign the gap: dialogical self in disrupted times. **Studia Psychologica**, v. 6, n.8, 2008, p. 73-89.
- ZITTOUN, Tania. A socialcultural psychology of the life-course. **Social Psychological Review**, v. 18, n. 1, 2016, p. 6-17.
- ZITTOUN, Tania; CERCHIA, Frédéric. Imagination as expansion of experience. **Integrative Psychological and Behavioral Science**, v. 47, n. 3, 2013, p. 305-324. Disponível em: <http://dxdoi.org/10.1007/s12124-013-92342>
- ZITTOUN, Tania; DE SAINT-LAURENT, Constance. Life-creativity imagining one's life. In GLĂVEANU, Vlad Petre; GILLESPIE, Alex; VALSINER, Jaan. (Eds). **Rethinking creativity: contributions from social and cultural psychology**. Routledge: New York, 2015, p. 58-75